

com excepção de *um...* (*o*) *outro*, variaveis em genero e numero. O primeiro elemento «um» admittia tambem a anteposição do artigo definido, como se observa frequentemente na linguagem dos antigos chronistas e ainda nas Decadas de João de Barros:

*As humas* como as outras (Zur., D. P. de Men. 441) — Desculpando-se *o hum* e *o outro* (ib. 448) — *Da humma* como *da outra* parte (ib. 460) — Por duas razões: *a uma...* *a outra* (F. Lopes., D. Fern. 327) — Duas cousas: *a humma* que saqueassem a cidade primeiro; e *a outra* que cometessem o palmar (Barr., Dec. 1, 8, 8) — *Os huns* nem *os outros* (Zur., D. P. de Men. 466).

No plural tambem se usava *delles* alternando com *uns*, *outros*, ou *delles... delles* simplesmente:

*Delles* armados, *outros* sem armas (F. Lopes, C. F. 362) — *Huns... delles...*, *outros...* (F. Lopes, ib. 195) — *Delles* (= uns...) *delles* (= outros) (Zur., C. P. 378, 436, 532, 534, 540, etc.).

A repetição do pronome *al* tinha o sentido de «uma cousa»... «outra cousa», como o prova este adagio antigo: *all cuyda o bayo e all cuyda quem no seela*.

Nos Lusíadas não ha exemplos desses modos de dizer antiquados; mas ahi encontramos precedentes para o uso, hoje restricto, de *quem... quem*, *qual... qual...*, *este... este...*:

*Quem* se afoga nas ondas encurvadas, *quem* bebe o mar e o deita juntamente (Cam., Lus. 1, 92) — *Qual* vai dizendo: Oh filho a quem eu tinha só para refrigerio e doce amparo...; *qual* em cabello: oh doce e amado esposo... (ib. 4, 90-91) — *Qual* do cavallo voa, que não dece; *qua* co cavallo em terra dando, geme; *qual* vermelhas as armas faz de brancas; *qual* cos pennachos do elmo açouta as ancas (ib. 6, 64) — *Este* rende munidas fortalezas...; *este* a mais nobres faz fazer vilezas...; *este* corrompe virginaes purezas...; *este* deprava ás vezes as sciencias...; *este* interpreta mais que subtilmente os textos; *este* faz e desfaz leis; *este* causa os perjurios entre as gentes (ib. 8, 98-99).

OS PRONOMES *rem*, *nada*. — A vulgarissima palavra *nada* é um exemplo de adjectivo ou, antes, de participio transformado em pronome. Semanticamente, equivale a «nenhuma cousa», isto é, refere-se de modo negativo a qualquer ser inanimado.

*Nada* é propriamente o participio feminino do verbo «nacer», e a expressão primitiva *rem nada*, significava o mesmo que «cousa nascida» (= lat. *rem natam*). Cedo se obliteraram estas duas noções, e como para pronome um dos vocabulos fosse sufficiente, veio a desaparecer o outro. Curioso é ter o adjectivo supplantado o substantivo. *Rem* com o mesmo sentido que o francez *rien*, (em que prevaleceu o substantivo sobre o adjectivo), já de todo desconhecido no tempo do chronista Fernão Lopes, dominou no periodo mais antigo da nossa lingua e foi com predilecção usado nos Cancioneiros, onde a cada passo se topam exemplos como os seguintes:

Mas empero direi vos ña *rem* (Canc. D. Diniz 23) — Desejen mui mais d'outra *rem* (ib. 26) — Ca são certo d'ũa *rem* (ib. 29) — Nom dou eu por tal enlanta *rem* (ib. 71) — Nunca Deus fez tal coita qual eu ei com a *rem* do mundo que mais amei (ib. 18).

«Cousa nascida» ou «rem nada» era metaphora de que a lingua se soccorria em frases negativas, para exprimir a inexistencia absoluta de qualquer cousa; processo analogo ao que se mostra posteriormente com as metaphoras *nem migalha, nem ponta, nem sombra* e outras. E o que a estes dizeres menos remotos impede de nos darem impressão perfeita de pronomes indefinidos como aquelles dois vocabulos antigos, é o não ter-se de todo apagado da memoria o sentido proprio dest'outros vocabulos.

**Homem e a gente.** — Tem de commum estes dois pronomes o mostrarem visivelmente que se originaram cada qual de um substantivo; ou, melhor, são nomes que assumem character pronominal quando usados, não já na accepção propria, mas para indicar agente vago e indeterminado.

Quanto á epoca de seu emprego, occupam polos oppostos na historia da lingua. *Homem* era de uso commum no portuguez primitivo; menos frequente no seculo 15, perdura todavia, mórmente na linguagem popular, deixando vestigios até o seculo 16. *A gente* é usado principalmente na linguagem familiar da actualidade. Exemplos do pronome indefinido *homem*:

Em aquel tempo nom podia *homem* achar em todo o regno de logres donzel tam frezoso nem tam bem feito (S. Graal 4) — Eu te

farei taes cousas quaaes nunca *homẽ* fez a *seu* inimigo (S. Josaph. 24) — Era tam esprandecente que bem se pôria *homem* veer em ella como em espelho (Corte Imp. 6) — Logo vossa tençom seria boa se *homem* tivesse lugar aparelhado em que trabalhando sperasse receber proveito (Zur. Guiné 313) — E *homem* dá-se mais que deve muitas vezes ó cuidado (Sá de Mir. 387) — Comem trigo e nós d'avea. Eles bebem, *homem* sua, doe-lhes pouco a dor alhea (ib. 360) — Certo he grande erro não conhecer *homem* seu erro (H. Pinto 2, 480) — Platão dizem, que dizia, que os amigos eram ladrões do tempo. Bem me parece tel-o de contino, mas nanos conversar se não raramente: porque como *homem* tem seus exercicios ordinarios, dão-nos os amigos molestia, se nos visitam amiude (ib. 2, 382) — Eu perdi a mor ventura que *homem* nunca perdeo (G. Vic. 3, 293).

A linguagem litteraria, principalmente a partir da era camoneana, prefere indicar o agente indeterminado por outro modo. Os recursos mais communs são: a forma reflexiva do verbo, o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural sem nomear sujeito algum, o verbo na 1.<sup>a</sup> do plural.

**OS INDEFINIDOS: *alguem, ninguem, algum, nenhum, um.*** — Os dois primeiros denotam, um affirmativamente, outro negativamente, qualquer ente humano. Os tres ultimos, sendo pronomes adjuntos, não podem ser empregados para o mesmo effeito senão unidos a substantivo como *homem, pessoa*. No portuguez antigo porem os pronomes *alguem, nenhum* usavam-se não sómente como adjuntos, mas ainda como absolutos e, neste caso, na accepção de «*alguem*», «*ninguem*»:

Quando elle chegou aos tendilhões, catou dentro, mas nom viu *nenhuũ* fora hũa dona que jazia hi dormindo (S. Graal 122) — Nõ osabe *nenhũu* hu he (Vida S. Am. 118) — Tam grande sandice he... desprezar o estado das virtudes e escolher o estado dos pecados, como seria se *alguũ* quisesse passar *alguũ* ryo perijgoso e tormentoso (Leal Cons. 297) — Se *alguũ* que leer ou ouvir esta estoria fezera pergunta (F. Lopes, C. J. 6) — Nem era *alguũ* ousado de tall cousa dizer (ib. 6) — Disse mui escusamente ao comde de Barcellos que o nom sentio *nenhuũ* (ib. 28) — Nom que ell descobrisse a *nehuũ* tall segredo (ib. 15).

Em Camões encontramos *alguem* como pronome absoluto, no sentido acima definido e, alem disso, o mesmo vocabulo como pronome adjunto na accepção de «*muito*» (francez *maint*) no seguinte passo:

*Alguem* d'ali tomou perpetuo somno, e fez da vida ao fim breve intervallo; correndo *alguem cavallo* vai sem dono, e noutra parte o dono sem cavallo (Lus. 6, 65).

Exemplos de *um* na accepção de «alguem» não são raros na Nova Floresta de Bernardes. Mas como difficilmente se encontra o indefinido com tal significação em escriptores anteriores, parece antes que o seiscentista se utilisou de um estrangeirismo (cf. o uso do ital. *uno*), o qual todavia não conseguiu acclimar-se em nossa lingua:

Quanto *hum* he mais pobre, tanto tem menos parentes (N. Flor. 1, 259) — Não he por certo esta a humildade que o Padre Affonso Rodrigues chama de garavato, que he dizer *hum* males de si proprio, para que os ouvintes acudam por elle (ib. 5, 272) — Avisa o Espírito Santo que não queira *hum* ser juiz, senão sente em si virtude poderosa para contrastar iniquidades (ib. 5, 269).

CADA, QUALQUER. — Servem para individualisar os seres: *cada* applica-se a um por um dos seres de que se trata; *qualquer* e seu plural *quaesquer* referem-se a individuo ou individuos tomados indifferentemente d'entre outros da mesma especie.

*Cada* não occorre isoladamente, senão em certos exemplos antigos como:

Soom porem tam triste *cada* que della ouço fallar (S. Graal 87) [por *cada vez que*] — *Cada* que as ouço (ib. 84) — Dizem que devem hy pousar *cada* que hi verhem (C. d'Elvas 47).

Diz-se *cada um*, *cada qual*, ou então a palavra *cada* seguida de um substantivo: *cada anno*, *cada hora*. Ainda neste ultimo caso mantinha-se outrora frequentemente a palavra *um*, v. g. *cada um anno*, *cada uma hora*:

En dia de sam johã bautista ouverô antre sy gram batalha... e *cada huũ* anno lidam assy en aquell dia (S. Am. 510) — Ella hya em *cada huũ* anno tres vezes aaquelle moesteiro (ib. 514) Apartando logo quatro pera *cada hũa* parte (Zur. Guiné 197) Huũ grande dito e mui proveitoso, que *cada hũu* Rei e Principe deve haver em sseu comsselho (F. Lopes, D. J. 88).

Outra particularidade do port. ant. é a variabilidade de numero do vocabulo *um* na combinação pronominal:

*Cada huns* pera suas casas (Zur., Ined. 2, 480) — *Cada hũus* pera seu cabo (Zur. Guiné 197) — *Cada huũs* se foram pera suas terras (F. Lopes, D. J. 13) — *Cada huũas* virtudes som mereçedores de seus pregoões (ib. 56).

Na antiga legislação portugueza usa-se *cada hum* não sómente com o valor additivo de «um por um», mas ain-

da como synonymo de «qualquer». Exemplos desta segunda especie:

Nem [averá lugar a pena] em mestre ou piloto de navio que castigar *cada huũ* dos marinheiros, ou servidores do navio, em quanto estiverem sob seu mandado (Ord. D. Man. 5, 11) — Pero naquelle que for ordenado por tal crime em *cada hũ* dos sobreditos casos nom se fará execuçom atee no-lo fazerem saber (ib. 5, 18) — E se o cavallo morrer a *cada huũ* dos sobreditos, que obrigados sam de o teer, pera gozar dos ditos privilegios, ou liberdades, será obrigado dentro de seis meses, do dia que elle morrer, comprar outro cavallo, pera gozar dos ditos privilegios (ib. 2, 38). — Todo homem que com outrem viver, quer por soldada, quer a bem fazer, e casar com a filha, ou madre, ou irmã, ou prima com irmã daquelle ou daquella com que viver, quer esteem das portas adentro, quer fora de casa, sem mandado, ou licença do senhor com que viver; ou dormir com *cada hũa* das sobreditas, quer dentro em casa de senhor, quer fora... moura por ello morte natural (ib. 5, 17).

TODO e TUDO \*) — O primeiro destes vocabulos, variavel em genero e numero, pertence á lingua desde os mais remotos tempos; o segundo, invariavel, data da litteratura quinhentista e substitue o antigo *todo* empregado no sentido de «toda a cousa».

Serve o singular *todo* para designar o conjunto ou inteireza, e antepõe-se ou pospõe-se a nomes previamente determinados por outro pronome adjunto, ou pelo artigo: *todo este paiz* ou *todo o paiz está arruinado*. Se se trata de nome proprio, a presença do artigo dependerá de o dito nome usar-se ou não com artigo. Assim diz-se *todo o Brasil*, *toda a India*, porem *todo Portugal*, *toda Goa* (Veja-se o capitulo sobre o artigo).

Documentam a regra do emprego de *todo* denotando inteireza os seguintes passos:

Das grandes naos do Samorim potente, que encherão *todo o mar*... fará pedaços (Cam., Lus. 10, 28) — *O mar todo* ferve (ib. 10, 29) — *O polo todo* ardia (ib. 6, 76) — *A terra toda* possuia (ib. 7, 16) — Cabeça... de *Europa toda* (ib. 3, 17) — Não tirarão *toda a India* e *Egypto* (ib. 10, 37) — *Todo Portugal* aos Mouros toma (ib. 8, 18) — Fernão Peres o seguio *hũa tarde toda* (Barros, Dec. 2, 9, 3) — Esperarão *todo hũ dia* (Castanh. 1, 50) — Com *toda hũa coxa* fora (Cam., Lus. 10, 31) — Neste mesmo exemplo vemos como Deos castiga *todo um reyno* por culpa do seu rey (Arr. Dial. 187) — Inficicção *toda*

\*) Veja-se a proposito de *todo*, *tudo*, SAID ALI, *Difficuldades da Lingua Portuguesa*<sup>2</sup> pag. 169-187.

*hũa republica* (ib. 62) — E ás vezes de não apagar *hũa palha* se vem atear o fogo *nũa* e noutra até que vem a queymar *toda hũa casa* (H. Pinto I, 3) — Que será ver a Deus por *toda hũa eternidade* (Bern., L. e C. 339) — Abrahão dividido e por partes teve muytos semelhantes; *todo Abrahão*, e por junto, ninguem lhe foy semelhante (Vieira, Serm. 1, 414) — Segue-se que *todo Nabucodonosor* cabia dentro do dedo meminho da sua imagem (ib. 5, 342) — Se Christo está em *toda a Hostia, todo Christo* não pode estar em qualquer parte della (ib. 1, 192) — Em qual destes lugares ou tempos estava mais applicado *todo Xavier?* (ib. 8, 324) — A rainha... substituirá á severidade antiga do paço *todo o brilho* de um luxo insensato (Herc., L. e Narr. 1, 186).

A locução *todo o mundo* usa-se não sómente no sentido rigoroso de «o mundo inteiro», mas ainda em acceção translata, designando-se hyperbolicamente pelo Orbe terrestre simplesmente a collectividade humana. Neste segundo caso, a locução tem caracter fixo, ao passo que na primeira hypothese é indifferente collocar a palavra *todo* antes ou depois de *o mundo*:

Posto que em *todo o mundo*... resuscitassem (Cam., Lus. 2, 55) — A santa providencia... governa *o mundo todo* (ib. 10, 83) — Para o juízo de Deos hade ir ao valle de Josaphat *todo o mundo*; para o juizo dos homens *todo o mundo* he valle de Josaphat (Vieira, Serm. 5, 81) — Para eu não sahir condemnado, he necessario que *todo o mundo* seja innocente (ib. 5, 84) — Peccados... os quaes não só Deos, mas *todo o mundo* está conhecendo (ib. 5, 33).

Nas expressões de velocidade maxima *a toda a brida* (Herc., Eur. 212), *a todo o galope* (Herc., Lend. e Narr. 2, 91), *a toda a pressa* (Vieira, Serm. 2, 181; ib. 6, 539; Bern., L. e C. 303; Bern., N. Flor. 1, 14; 1, 125; 1, 148; 1, 210; 1, 215; 1, 273; 2, 5), usa-se o artigo como no superlativo de adjectivos e adverbios.

Com as expressões *o resto, o restante, o mais, o outro* considera-se em conjunto a parte complementar de pessoas ou cousas mencionadas anteriormente. Como reforço a estas locuções se lhes antepõe a palavra *todo*, sendo que com *o mais* desacompanhado de substantivo e equivalendo a «as mais cousas», se usa, em port. mod., *tudo* em lugar de *todo*:

*Tudo o mais* eram cousas pera dar aos Reys (Barros, Dec. 1, 4, 3) — *Toda a mais* povoação era de madeira cuberta (ib. 1, 4, 7) — Destes dous generos de gente [Brammanes e Naires], sendo a mais nobre da terra, viviam nella [cidade] mui poucos: *toda a outra* povoação era de Mouros e Gentoio mecanico (ib. 1, 4, 7) — Convoça as

filhas de Nereu com *toda a mais* cerulea companhia (Cam., Lus. 2, 19) — Animaes, que elles tem em mais estima que *todo o outro* gado das manadas (ib. 5, 63) — Logo *todo o restante* se partiu de Lusitania, postos em fugida: O Miralmomini só não fugio, porque antes de fugir lhe fogue a vida (ib. 3, 82) — De *toda a mais* commodidade e alfayras que a velhice permite e as doenças desculpão estava [a cella] erma (Sousa, S. Dom. 275) — Não renderá menos lustre a *todo o resto* de Hespanha (ib. 21) — Assim passa sómente por ella a vida, e *tudo o mais* [que são os peccados] fica dentro, e nada passa (Vieira, Serm. 5, 25) — Que um homem só e desassistido de *toda a outra* companhia e poder, se atrevesse (ib. 3, 312) — O mesmo professa toda a escola cega e torpe deste infame mestre... e com seu collega Calvino *toda a outra* sentina dos hereges de nosso tempo (ib. 9, 397) — Dá conta... de todas as palavras de tua lingua e *tudo o mais* que tu sabes (ib. 5, 49) — *Tudo o mais* contrastava... com ellas (Herc., Lend. e Narr. 1, 181).

Pratica usualissima desde o port. ant. é reforçar o pronome demonstrativo *o* acompanhado do pronome relativo *que*. O port. mod. introduziu apenas a novidade de substituir *todo* por *tudo* nos dizeres onde *o que* equivale a *aquillo que*:

Cesse *tudo o que* a Musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta (Cam., Lus. 1, 3) — Que os mouros cautelosos se guardaram de lhe mostrarem *tudo o que* pediam (ib. 2, 9) — Desbaratareis *tudo o que* quizerdes, quanto mais a quem já desbaratastes (ib. 4, 18) — Porem disto que o Mouro aqui notou, de *tudo o que* vio com olho atento, hum odio certo na alma lhe ficou (ib. 1, 69) — *Tudo o que* nasce na terra, o sol e a chuva o cria (Vieira, Serm., 5, 455) — *Tudo o que* se move neste mundo... será sogeito a teo imperio (ib. 5, 476) — O que succede depois he *tudo o que* dissestes antes (ib. 5, 108) — Já vi *tudo o que* havia de ver nesta vida (ib. 5, 139) — No Ceo ha *tudo o que* quizerdes (ib. 5, 447) — E' *tudo o que* pode contra mim dizer (Herc., M. de C. 2, 267) — Seria impossivel dizer-te agora *tudo o que* está aqui dentro (ib. 2, 210).

Aos adjectivos substantivados *o necessario*, *o possivel*, *o util*, *o superfluo*, etc., significando o conjunto das cousas necessarias, possiveis, uteis, etc., antepõe-se hoje em dia a forma *todo* como em port. ant. Os seiscentistas usavam com estes dizeres ora *todo*, ora *tudo*:

He necessario desbastar-me de *todo o superfluo* e descartar-me de mim mesmo (H. Pinto 2, 386) — Tereis *tudo o necessario* para o sustento da vida (Vieira, Serm. 8, 179) — Em *todo o necessario* á vida temporal (ib. 8, 293) — Recuperar... *tudo o perdido* (ib. 5, 221) — Tendo depositado *tudo o precioso e lustroso* de seus thesouros (ib. 2, 14) — Ver junto *todo o raro e curioso* do mundo (ib. 5, 437) — Despreza *tudo o ameno e frondoso* das felicidades e glorias do seculo

(Bern., L. e C. 498) — *Tudo o bom e tudo o feroso que Christo fez, he o Divinissimo Sacramento* (Vieira, Serm. 9, 294) — *Tudo o raro e admiravel das regioens novamente sogeitas* (ib. 5, 21) — *Tudo o precioso que havia em seu palacio* (Bern., N. Flor. 1, 133).

A pluralidade dos seres enuncia-se por meio de nomes appellativos na competente forma do plural. Ajuntando-se *todos, todas* a estes nomes alludir-se-á expressamente á totalidade numerica: *todas as palavras; todas as lagrimas*. Muitas vezes porem — e em especial se as unidades se acham dispersas no espaço ou no tempo, não se formando então no espirito a imagem de individuos reunidos — representam-se todos os seres congeneres por um ser typico, nomeia-se o individuo pela especie inteira, usa-se o singular em vez do plural, como quando dizemos: *o leão é animal feroz, a manga é fruta saborosa*, por *os leões são animaes ferozes, as mangas são frutas saborosas*.

Nestas condições, a *todos os leões, todas as mangas, todas as palavras* correspondem logicamente os dizeres *todo o leão, toda a manga, toda a palavra* no singular. Succede porem que, tomando-se o individuo pela especie, confunde-se o conceito do numero singular com o de qualquer individuo, e o vocabulo *todo* se nos afigura como synonymo do vocabulo *qualquer*. E como este ultimo exclue a presença do artigo, somos levados a dizer tambem sem artigo *todo leão, toda manga*, etc.

Exemplos desta confusão se topam em port. mod., não porem em tão larga escala como na era pre-camoneana, na qual se chegava a omittir o artigo ainda quando *todo* tinha sentido bastante arredado de *qualquer*, como em Corte Imp. 71: *obrando Deos obra toda a bondade e toda grandeza e toda eternidade*, e nestes passos da lenda dos Santos Baarlão e Josaphate: *era-lhe obediente... e toda subjeição e toda humildade trabalhando em toda virtude; abraçou-o cõ todo amor; livre de todo error*.

Qual seja a tendencia da linguagem a partir do seculo XVI, pode-se ver pela maneira por que se tem tratado os dizeres *em toda a parte, por toda a parte, de toda a parte* usados em vez de *em todas as partes, por todas as partes, de todas as partes*. Camões emprega estas locuções no singular ora com artigo, ora sem elle:

Cantando espalharei *por toda parte* (Lus. 1, 2) — *Por toda a parte* andava accessa a guerra (ib. 3, 51) — Tudo provê com animo e prudencia, que *em toda a parte* ha esforço e resistencia (ib. 3, 79). — Si t'o tem dito já aquella ventura que *em toda a parte* sempre anda comigo, ó não ha creias, porque eu quando a cria, mil vezes cada hora me mentia (ib. 9, 77) — Com Joanne, Rei forte *em toda parte*, que escurecendo o preço vai de Marte (ib. 4, 25) — Porque a gente maritima e a de Marte estão pera seguir-me *a toda parte* (ib. 4, 84) — Vovendo, ora se abaxe, agora se erga, nunca se ergue ou se abaxa, e hum mesmo rosto *por toda a parte* tem, e *em toda a parte* começa e acaba, em fim, por divina arte (ib. 10, 78). — Voar co pensamento *a toda parte* (ib. 8, 89).

A incerteza de que dão testemunho os trechos citados desaparece entre os escriptores do seculo seguinte, passando-se a usar desde então até o seculo XIX as ditas locuções adverbiaes sómente com o artigo. Nos diversos volumes de Vieira, Bernardes, F. M. de Mello e Herculano, em que pacientemente procurei tudo quanto se referisse ao caso, não conseguí achar senão exemplos deste genero:

Andando a morte com a fouce ensanguentada *por toda a parte* entre gentios e christãos (Vieira, Serm. 8, 354) — *Em tqda a parte* ou ardião, ou servião em odoriferos licores todos os aromas da India (ib. 8, 359) — Notai a palavra *ubicunque, em toda a parte. Em toda a parte*, diz Christo, onde estiver o corpo, alli voarão e concorrerão as aguias (ib. 5, 250) — Assim devemos nós multiplicar as nossas [presenças] para assistir ao divinissimo Sacramento *em toda a parte* (ib. 5, 250) — Todos os males do genero humano carregavam *de toda a parte* sobre o coração de Paulo (ib. 5, 465) — Se estes dous espiritos são os que vos levam *a toda a parte* (ib. 1, 505) — Assi o faz a Virgem Piedosissima a todos os que a invocarem *em todas as partes* do mundo. Christo presente *em toda a parte* pelas palavras, com que o Sacerdote consagra a Hostia, Maria presente *em toda a parte* pelas palavras com que o necessitado a invoca (ib. 1, 747) — Soando temerosamente ao longe *por toda a parte* (ib. 8, 54) — O Ceo cerrado *por toda a parte* (Bern., N. Flor. 1, 86) — Concorrendo *de toda a parte* muitos mancebos (ib. 1, 292) — A presença de Deos, que hum Christão *em toda a parte* deve trazer diante dos olhos (ib. 1, 404) — Perigos e defeytos *em toda a parte* os ha (ib., L. e C. 51) — *Por toda a parte* não via... senão um crime (Herc., Lendas e Narr. 1, 161) — *Em toda a parte* deixara agentes e amigos fieis (ib. 1, 45) — Vassallos, que *de toda a parte* haviam corrido (ib. 1, 188) — *Por toda a parte* se verteu sangue (ib. 1, 263) — Alongava os olhos *por toda a parte* em busca de Theodemiro (Herc., Eur. 120) — A traição... está *por toda a parte* (ib. 69).

Este alvitre de não empregar senão a forma com artigo não se decidiram os seiscentistas a tomar ante os

dizeres *todo o genero* e *todo genero*. Lançavam mão do segundo, se queriam enunciar o conceito de modo mais vago, e utilisavam-se do primeiro se lhes importava expressar-se com mais emphase:

E que quer dizer toda a lagrima? Quer dizer *todo o genero* de lagrimas (Vieira, Serm. 5, 448) — Então conheceo que a vontade de Deos era que admitisse ao gremio da Igreja *todo o genero* de Gentios e tratasse da sua conversão (ib. 8, 23) — Quando S. Roque estava na sua prizão, concorrião ao carcere os enfermos de *todo genero*, os cegos, os mancos, os aloijados (ib. 2, 163) — Bastavão só sem memorias do passado, como pregoeiros presentes, os cegos, os aleijados, os tolhidos, os leprosos, e os outros enfermos de *todo o genero* (ib. 8, 360) — Só se acharam no arsenal de Malaca sete fustas...; boa parelha contra huma Armada de sessenta velas... fornecidas de tudo o necessario para a navegação e para a guerra; e sobretudo de muyta artilharia de *todo genero* (ib. 8, 205) — Aprendam a jugar as armas maritimas de *todo genero*: a espada, a machadinha, o chuço, a pistola, o bacamarte, a alcanzia (ib. 8, 262) — Pollutos com *todo o genero* de vicios e enormidades (Bern., L. e C. 446) — Florido em *todo o genero* de virtudes e dons (ib. 454).

A. Herculano opta pelo emprego de *todo o genero* nestes e outros passos:

No several havia *todo o genero* de caça (Lend. e Narr. 2, 20) — Accusações de *todo o genero* (ib. 2, 189) — Prohibindo em sua casa *todo o genero* de divertimento (ib. 2, 301) — Tu evangelisavas a liberdade e condemnavas *todo o genero* de tyrannia (ib., Eur. 34) — Dos godos restam-nos... monumentos escriptos de *todo o genero* (ib. 308).

Em escriptores quinhentistas encontramos muitas vezes *todo o homem* (= *todos os homens*) e outros dizeres. Estes exemplos se multiplicam do seculo XVII em diante. Dignos de nota são os seguintes passos:

*Todo ho gentio*, assi homê como molher (Castanh. 3, 80) — Fará que *todo o Naire* se mova (Cam., Lus. 10, 14) — Em *toda a cousa viva* a gente irada provando os fios vai da dura espada (ib. 3, 64) — *Todo o homem* neste mundo deseja melhorar de lugar (Vieira, Serm. 5, 194) — *Toda a Republica* em *todo o tempo* ha mister paz, e a nossa no tempo presente dobrada paz (ib. 2, 203) — *Todo o homem* que acaba a vida pendurado de hum pao he maldito (ib. 2, 420) — *Todo o lugar* mais alto que outros está sempre ameaçando ruina (ib. 5, 211) — *Todo o ministro* enquanto não cae é grande (Herc., M. de C. 2, 230) — *Todo o Regras* tem um Bugalho (ib. 2, 232).

O adjectivo substantivado, tendo caracterisada esta função pela presença do artigo, não pode perder este ar-

tigo, quando se lhe antepõe a palavra *todo*, ainda que se tenha em mente a noção de «qualquer».

Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros... receberão de *todo o illustre* os ossos (Cam., Lus. 5, 83) — *Todo o cativo* que levava punha consigo á mesa (Sousa, D. J. III, 146) — Recorra *todo o cahido* ou tentado ao deparador das almas perdidas (Vieira, Serm. 3, 234) — *Todo o proximo* tem direito (Bern., L. e C. 267) — *Todo o rico* de repente ou he ladrão ou herdeiro de ladrão (ib., N. Flor. 2, 214).

Achando-se a totalidade numerica dos seres rigorosamente definida por um numeral cardinal, a anteposição reforçativa de *todos* exigirá a supressão do artigo somente quando esteja subentendido o substantivo:

As Dorçadas passamos, povoadas das Irmaãs... que de vista total sendo privadas *todas tres* dhum só olho se servião (Cam. Lus. 5, 11) — Por *todos os quatro* lados (Vieira, Serm. 8, 36) — Subissem *todos tres* ao monte (ib. 8, 315) — Os criados... eram tres; *todos tres* tiveram cabedal (ib. 2, 22) — *Todos os quatro* Doutores da Igreja (ib. 2, 421) — A *todos os doze* Apostolos disse Christo (Bern., N. Flor. 1, 390) — Andou tanto... que pudera supprir o caminho de *todos doze* (ib. 1, 390).

## O Artigo

Procede o artigo definido do pronome demonstrativo latino *ille, illa, illud*. Da primitiva forma, que seria *ello, ella*, dão testemunho *el*, usado unicamente em *elrei*, e, por outra parte, *lo*, evidente nas contracções dos pluraes *todos, ambos* e *pello, pollo*, ainda usadas no seculo XVI e outras da linguagem popular, como *ullo* (u = onde), *mailo* (= mais o). Excluidos estes casos, apparece por toda a parte, desde a mais remota phase da lingua portugueza, o vocabulo já sem vestigios do radical, inteiramente gasto, e reduzido á terminação atona *o, a* (escripto ás vezes *ho, ha*).

A função demonstrativa pode perceber-se ainda em dizeres nos quaes, ou pelo contexto, ou por ajuntar-se ao nome algum qualificativo ou frase equivalente, se aponta o ente ou entes de que se trata. Mas esta função se amorteceu desde que se tornou em costume o antepôr, sem grande necessidade, a qualquer substantivo o vocabulo *o, a*,

tornando-o seu companheiro quasi inseparavel. Desde então passou o demonstrativo a ser artigo.

É condição essencial do artigo o ter apoz si claro o nome de que depende, o qual será um substantivo ou outro vocabulo usado como tal. É por isso que a palavra *o*, originariamente a mesma, é artigo em *o bom livro*, *o escrever*, ao passo que continua na categoria de pronome demonstrativo em *livro melhor que o de Pedro*, *o que Pedro possui*.

A anteposição do artigo ao nome tem por fim avivar a attenção da pessoa a quem nos dirigimos. Lembra-lhe que o de que falamos lhe é conhecido, servindo o artigo para apontar mentalmente o dito objecto, como em *o sol*, *a lua*, *o mundo*, *o ar*, *a terra*, *o mar*. Aponta igualmente para cousas e individuos de que se tem conhecimento pela educação religiosa, litteraria ou outra, como *o ceu*, *o inferno*, *o paraíso*, *o demonio*; mas não se ajunta á palavra *Deus*, salvo se vem acompanhada de expressão que lhe restringe o sentido.

Nomes de virtudes e vicios, e noções abstractas em geral, dizem-se com o artigo. Têm tambem artigo o appellativo concreto no singular, não sómente quando o appellativo se refere a um individuo determinado, mas ainda quando, figuradamente, se toma o individuo pela especie inteira: *o cão me mordeu*; *o cão é util ao homem*. No plural o artigo assignala a totalidade tanto dos individuos em geral, como dos comprehendidos em certo espaço ou tempo. A ausencia do artigo, pelo contrario, dará a entender que se fala apenas de individuos de numero incerto.

Apesar da incerteza numerica, o substantivo levará artigo se já houver sido mencionado anteriormente. Este emprego anaphorico pode ver-se em: *a casa foi assaltada por ladrões*; *mas, sendo presentidos, os ladrões fugiram*.

Nas enumerações, a repetição do artigo, chamando a attenção para cada um dos substantivos, mostra que se consideram os respectivos seres como distintos entre si, ou separados pelo espaço ou pelo tempo:

*O vento e o oceano* são as duas unicas expressões sublimes (Herc., Eur. 28) — Depois é que surgiu *o homem e a podridão*, *a arvore e o verme*, *a bonina e o emmurcheçar* (ib.) — *A generosidade, o esforço e o amor* — sinaste-os tu em toda a sua simplicidade (ib. 34)

— *Os frankos e os vasconios* talam as provincias do norte (ib. 36) — *O enthusiasmo e o amor* tinham resurgido naquelle coração (ib. 12).

A não repetição do artigo indica que se consideram as cousas como estreitamente associadas, que os termos são synonymos ou quasi synonymos, que os seres, embora differentes, coexistem ou a acção se passa com elles simultaneamente:

Se a tanto me ajudar *o engenho e arte* (Cam., Lus. 1, 2) — *Do capitão e gente* se apartou com mostras de devida cortezia (ib. 1, 56) — Vestindo a *forma e gesto humano* (ib. 1, 77) — Pelo *affecto e enthusiasmo* nos impelle a quanto ha bom e generoso (Herc., Eur. VII) — Regulava *os direitos e deveres communs* (ib. 3) — Cederam por fim... á *fortuna e ousadia* do ambicioso soldado (ib. 4) — A luz ia... estampar nelles [muros] as sombras *das columnas e arcos* enredados das naves (ib. 9) — As idéas grosseiras do culto de Odin não se tem apagado de todo *nos filhos e netos* dos barbaros, convertidos ha tres seculos á crença do Crucificado (ib. 9) — Era por uma destas noites... em que a soledade *das praias e ribas* fragosas do oceano é absoluta e tetrica (ib. 23).

A suppressão total do artigo nas enumerações equivale a reunir ou associar rapidamente, tumultuariamente ás vezes, cousas diversas em um mesmo quadro:

Ao pôr do sol, *gepidas, ostrogodos, scyros, burgundos, thuringios, hunos, misturados com outros*, tinham mordido a terra catalaunica (Herc., Eur. 26).

A ausencia do artigo nas enumerações pode comtudo ser devida á circumstancia de se tratar de um numero indeterminado de seres:

Vem *arnezes e peitos reluzentes, malhas finas e tammas seguras; escudos de pinturas differentes, pelouros, espingardas de aço puras, arcos e sagittiferas aljavas, parlisanas agudas, chuças bravas* (Cam., Lus. 1, 67).

É de notar que em seguida a este trecho o poeta, querendo chamar a attenção, escreve: *as bombas vem de fogo e juntamente as panellas sulfureas, tão danosas; porem aos de Vulcano não consente que dem fogo ás bombardas temerosas.*

Quando se usam os distributivos *um... outro...* com referencia a palavras mencionadas antes, a linguagem hodierna só permite antepor-se o artigo ao segundo termo.

Data esta regra da era dos seiscentistas. Na linguagem antiga dizia-se *o um... o outro...* (como ainda hoje em francez *l'un... l'autre*):

Desculpando-se *o hum* e *o outro* (Zur., Ined. 4, 293); *As humas* como *as outras* (ib. 441) — Tomaste dous principios ambos falsos... — *O hum* he o que disseste dos effeitos... *O outro* principio falso he... (H. Pinto I, 435) — E como a elle chegasse o Portuguez, e visse que falavam ambos a lingua italiana, *o hũ* por ser sua natural, *o outro* pola ter adquirida... saudou cortesmente (ib. 1, 305).

Este mesmo uso do artigo se fazia quando os distributivos eram expressos por numeræes definidos:

Mil mouros... de que *os quinhentos* eram espingardeiros, e *os cento* bombardeiros... e *os outros* se chamaram servidores (Castanh. 4, 7) — Sete frades..., e *os cinco* tinha cada hũ sua cruz levantada, e *os dous* senhos retavolos de Nossa Senhora (ib. 5, 26).

Por outra parte, certas locuções, nas quaes hoje nos parece indispensavel o artigo, como *aos milhares*, *aos gritos*, etc., eram usadas outrora, e ainda no seculo XVII, sem tal determinação:

Os... que se bautizaram e fizeram christãos, não só se contaram *a milhares*, senão *a milhões* (Vieira, Serm. 8, 395) — Para que o sangue... dissesse *a gritos* quão verdadeiramente amava (ib. 2, 395) — Os vão contando *a pares* e nomeando de dous em dous (ib. 2, 356) — Guardas e escuitas, *a longe* e *a preto* [= perto] (F. Lopes, D. J. 219; porem em Vieira já: nem se doam *ao longe*... nem *ao perto*, Serm. 8, 464) — Lá hão de estalar *a pedaços* (Vieira, Serm. 2, 128) — Se no altar dera pão *a moyos* (ib. 5, 423).

Em portuguez antigo usava-se a locução *em outro dia* como equivalente do moderno *no outro dia*, *no dia seguinte*:

*Em outro dia* pella menhã veo Barlaão ao infante Josaphate (S. Josaph. 16) — E mandou dizer a Zardã que *em outro dia* o queria ir veer (ib. 19) — *Em outro dia* foi fama polla terra que Barlaão era preso (ib. 22) — *Em outro dia* pella manhã foi elrei veer seu filho (ib. 34).

Em principio, os nomes proprios de pessoas não levam artigo, porque aquelle a quem falo em geral não conhece, uma por uma, as pessoas que eu conheço. Seguem esta regra a linguagem litteraria e o falar culto; 'alguns autores todavia abrem ás vezes excepção para os nomes de individuos de que já tinham feito menção anteriormente:

Dos dous primeiros seus filhos Cain e Abel, o *Cain* foi reprovado, e o *Abel* escolhido (H. Pinto, 1, 344) — Foi muito ter o Imperador Vespasiano dous filhos Tito e Domiciano tão differentes, que do *Tito* não se contam senão cousas boas, e do *Domiciano* senão muito más (ib. 1, 156) — Os galeões de Nuno Alvares Pereira, e de João da Silva, e de Gonsalo Pereira de Castro escaparam por novos, que puderam melhor soffrer os mares: das galeotas a *do Ferreira* desapareceu, Diogo Nunes Pedroso e o *Tavares*, em vendo os signaes da tormenta, se acolheram onde melhor puderam: o *Tavares* entrou pela barra de Baçain sem saber por onde hia; Diogo Nunes Pedroso atinou com a barra de Dio (Couto, Dec. 8, 11).

Na linguagem de intimidade, e no falar do povo, antepõe-se com frequencia o artigo a nomes de pessoas conhecidas daquelles com quem conversamos.

Às vezes, a necessidade de distinguir um individuo de outro obriga a indical-os por meio da palavra *o*:

Hú Joseph foy o que sonhou, e outro Joseph foi o sonhado. *O Joseph* que sonhou foi Joseph o filho de Jacob, o *Joseph* sonhado foi Joseph o esposo de Maria (Vieira, Sér. 7, 496) — *O Joseph* filho de Jacob sonhou sómente... Segue-se logo que o *Joseph* verdadeiramente sonhado foi o esposo de Maria (ib. 7, 496).

Nomes de rios, montes, e de certos mares usam-se com o artigo, não se referindo comtudo este ao nome proprio, mas ao appellativo (rio, monte, mar) que se tem em mente: o *Parahyba*, o *Vesuvio*, o *Baltico*, o *Adriatico*, o *Atlantico*, o *Danubio*, etc.

Analogamente, por subentender-se o termo «ilhas» se diz *as Hebridas*, *as Cycladas*, *as Berlengas*, *as Antilhas* *as Bermudas*, *as Canarias*. Dizemos todavia no masculino *os Abrolhos*, *os Açores* (*ilhas dos Abrolhos*, *ilhas dos Açores*) por influencia do genero destes nomes considerados como appellativos.

Raras vezes se permite a ellipse, tratando-se de ilha no singular, como *a Trindade* por *a ilha da Trindade*. Em geral, enuncia-se sómente o nome proprio, diz-se: *Sardanha*, *Corsega*, *Malta*, *Madagascar*, *Chypre*, *Santa Helena*, *Cuba*, *Jamaica*, etc.

Sem artigo se dizem os nomes de cidades, exceptuando o *Cairo* (em que outros idiomas tambem empregam o artigo, por influencia do arabe *el-Kahira*, «a Victorious»), assim como *a Bahia*, *o Porto*, *o Rio de Janeiro*, *o Rio*

*Grande* por effeito da sua origem appellativa. Do francez tomou-se o *Havre*, a *Haya* (*la Haye*, traducção abreviada do hollandez *s'Gravenhaag*). O uso actual, eliminando o artigo neste ultimo nome, contraria a linguagem de Vieira, Serm. 11, 500: *da Haya passou a Lisboa*.

Como o emprego do artigo não tem que ver com a maior ou menor extensão do territorio, deveriam usar-se sem elle não sómente as denominações de cidades, mas ainda as de provincias e paizes. Vê-se, de facto, applicada esta regra aos antigos nomes *Portugal*, *Castella*, *Aragão*, *Leão*, *Murcia*, *Valencia*, *Granada*, *Marrocos*, *Navarra*, *Borgonha*, aos modernos *Bengala*, *Sofala*, *Angola*, *Benguela*, *Moçambique*, *Cambaia*, *Malaca*, *Colombia*, *Honduras*, *Venezuela*, *Guatemala*, *Nicaragua* e outros.

Mas a maior parte dos nomes em *-a* atono, de origem latina, ou creados segundo o typo latino, e referentes a paizes e grandes regiões, apparecem em port. mod., principalmente a partir do seculo XVII, com a faculdade de admittirem o artigo feminino. Teria influido aqui a noção latente de «terra».

Exemplos camoneanos por si sós não são decisivos, attendendo á circumstancia de que o poeta mais de uma vez se referiria aos paizes como a cousas personificadas. Levando-se porem em conta a linguagem dos prosadores daquelle tempo, conclue-se que *de Africa*, *de Asia*, *em Africa*, *de Turquia*, *de França* etc., era ainda linguagem predominante. Já o padre Vieira admittie francamente o artigo em: *pela Africa*, *pela Asia* e *pela America* (Serm. 5, 38); *pelas terras da Africa*, *da Asia* (ib. 5, 322); *na Asia* e *na America* (ib. 5, 321); *santuarios da Europa* (ib. 5, 343). Nem tem duvida em escrever *para a Grecia* (ib. 5, 18); *nas cidades da Grecia* (ib. 3, 199); *com a Turquia da Turquia* (ib. 5, 19); *na Scithia* (ib. 5, 494); *nos desertos da Arabia* (ib. 3, 200); posto que se revele ainda bastante conservador ao tratar de outros paizes: *em Hespanha...* *em França...* *em Allemanha...* (ib. 5, 374). Algumas vezes o artigo pode ser ditado pela necessidade de clareza: *deixa a João a Asia*, *a André a Grecia*, *a Felippi a Sythia*, *a Bartolomeu a Arménia*, *a Matheus a Ethiopi* (ib. 5, 200).

A anteposição do artigo aos referidos nomes tornou-s

cada vez mais commum e parece generalisada hoje em dia.

Em *a India, a China, a Indo-China* o emprego da palavra *a* foi sempre obrigatorio, assim como o masculino *o* em *o Japão, o Industão, o Tibet, o Pamir, o Montenegro*. Fixou-se tambem o emprego do artigo em *o Egypto*. (Em Vieira ha bastantes exemplos, posto que de vez em quando occorra tambem *Egypto* sem artigo). A forma masculina nestes nomes deve-se parte ás terminações, parte á circumstancia de subentender-se o termo «paiz».

Em *o Brasil* antepoz-se ao nome o artigo no tempo em que o vocabulo ainda era appellativo, mas decisivo para a sua conservação no nome proprio foi a noção «paiz».

O primitivo conceito de «rio» determinou o uso do artigo em *o Amazonas* (provincia, estado), *o Maranhão, o Amapá, o Paraná, o Pará, o Ceará, o Piauhy*. Perdeu, pelo contrario, o termo appellativo toda a sua influencia em *Matto-Grosso, Alagoas e Minas Geraes*, desapparecendo nestes dous ultimos, com o artigo, o conceito de pluralidade (diz-se p. ex. *Minas Geraes produz muito; Alagoas é um estado maritimo*).

Deve-se provavelmente á ellipse o uso do feminino em *a* (capitania) *Parahyba*.

Em *o Peru, o Chile, o Mexico, o Canadá, o Panamá*, o artigo pode ser attribuido á noção latente de «paiz», assim como á circumstancia de serem geralmente masculinos os substantivos communs com taes terminações. Podê tambem ser imitação do estrangeiro.

*Portugal* não toma artigo; mas diz-se *a Beira, o Minho, a Galliza, o Alemtejo*, e, superfetadamente, *o Algarve* (*al Garb* em arabe quer dizer *o Occidente*).

## Verbos:

### especies, formas e significação

Verbo é a criação linguística destinada a expressar a noção predicativa. Denota acção ou estado e nas linguas do grupo aryano possui suffixos proprios, com que se distingue a pessoa do discurso e o respectivo numero (singular ou plural; em alguns idiomas tambem o dual), o tempo (actual, vindouro ou preterito) e o modo da acção (real, possível, etc.).

> O desaparecimento de certos suffixos pessoais determinou em varias linguas modernas a necessidade de antepôr ao verbo o pronome pessoal da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoa e o da 3.<sup>a</sup> quando não vem enunciado o substantivo sujeito. > Em portuguez o uso do pronome pessoal não é obrigatorio senão na 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoa do singular de certas formas verbaes identicas quando assim o exigir a clareza do pensamento. Nos demais casos o pronome serve apenas de reforço emphatico.

> Chamam-se formas *finitas* do verbo todas aquellas que vêm sempre referidas a uma das tres pessoas do discurso e têm ou tiveram a respectiva desinencia, como *escrevo*, *escreve* (lat. *scribi-t*), *amava* (lat. *amaba-m*) e *amava* (lat. *amaba-t*).

> A par destas, gera-se em todos os verbos um pequeno grupo de formas com apparencia e função de substantivo (infinitivo), adjectivo (participio) e adverbio (gerundio). São estas as formas *infinitas* do verbo, assim chamadas por constituirem vocabulos sem referencia especial a qualquer das pessoas do discurso.

Uma destas formas infinitas, o infinitivo, admite (no idioma portuguez) uma formação secundaria com as diversas desinencias de pessoa; havendo portanto, alem

do infinitivo proprio ou impessoal, o infinitivo pessoal ou flexionado.

Os tempos do verbo são: para a acção que se passa no momento em que se fala, o *presente*; para a acção que já se passou o *preterito*, subdividido em *imperfecto*, *perfecto* e *mais-que-perfecto*; e para o facto vindouro o *futuro*, o qual pode ser em relação ao presente, isto é, *futuro do presente*, ou em relação ao passado, isto é, *futuro do preterito*. A este ultimo tem-se dado impropriamente o nome de modo condicional.

De muitas maneiras se pode imaginar uma acção ou estado; mas as formas verbaes simples de que a nossa lingua dispõe não nos permitem considerar mais de tres modos verbaes: o *indicativo* para a acção real, o *conjuntivo*, tambem chamado subjuntivo, para o facto duvidoso, provavel, potencial, optativo, etc., e o *imperativo*, por meio do qual se expressa a ordem, o pedido, o convite, a supplica, etc.

A exposição systematica de todas as formas de um verbo, finitas e infinitas, constitue a conjugação do verbo. São tres os typos de conjugação: na 1.<sup>a</sup> o verbo tem o infinitivo terminado em *-ar*, na 2.<sup>a</sup> em *-er*, e na 3.<sup>a</sup> em *-ir*.

O verbo *pôr*, comquanto pareça constituir um quarto typo, não é mais que a contracção de *poer*, e devemos consideral-o como verbo irregular da 2.<sup>a</sup> conjugação.

### Desinencias pessoais

Das desinencias pessoais latinas não vieram ao portuguez nem *-m* da 1.<sup>a</sup> do singular (excepto o vestigio na forma *som* < lat. *sum*, usada nos primeiros seculos do port. ant.), nem *-t* da 3.<sup>a</sup> do singular. A forma latina *est* reduziu-se a *é*. O suffixo *-nt* da 3.<sup>a</sup> do plural entrou para a linguagem depois de reduzido a *-n*, resultando d'ahi a nasalção da vogal precedente em *-un*, *-om*, *-am* ou *-ũ*, *-õ*, *-ã* (que por fim se fundiram no ditongo nasal *-ão*) e *-em* ou *-ẽ*.

Na 1.<sup>a</sup> do plural todos os verbos conservam *-mos* < lat. *-mus*. Intacto ficou *-s* da 2.<sup>a</sup> do singular; *-sti* e *-stis* latinos tornaram-se *-ste*, *-stes*.

As desinencias *-tes*, *-te* da 2.<sup>a</sup> do plural continuaram a usar-se, abrandada a dental, sob a forma *-des*, *-de* ainda na linguagem do seculo XIV, estendendo-se este uso a *sondes*, criação analogica por influencia de *som* (port. mod. *sou*), *somos*. Desta época em diante *sondes* simplifica-se primeiro em *sodes*, depois em *sois*, a dental do suffixo desapparece por toda a parte, excepto no futuro do conjuntivo e infinitivo flexionado (nos quaes se manteve, apesar da vacillação havida ainda entre seiscentistas), nas formas *vades* (pres. do conj. de *ir*), *sedē* (imperativo de *ser*), e no presente do indicativo e imperativo dos verbos monosyllabicos (e compostos) da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugação *ver*, *crer*, *ler*, *ir* (que tambem tem a forma *is*: *porque is aventurar* Cam., Lus. 4, 91), *rir* (*rides* a par de *ris*: *Senhores, lhes disse elle, de que vos ris?* Barros, Clar. 2, 209), *pôr*, *ter* e *ver*. Estes tres ultimos fazem *pondes*, *ponde*, *tendes*, *tende*, *vindes*, *vinde*, com o vestigio da consoante nasal das radicaes primitivas; os restantes verbos fazem *vedes*, *vede*, *credes*, *crede*, *ides*, *rides*, etc.

A tendencia, que a reacção conservadora não deixou ir por diante, de omittir a dental no fut. do conj. e inf. pess., é attestada por exemplos muitos entre os quaes estes passos dos sermões de Vieira: *para [vós] seres bem julgados* (5, 83); a par de *judgardes* (5, 85); *depois de vos pores em estado de penitencia* (5, 135); *se vos não converteres* (duas vezes) (5, 151); *se morreres no estado presente, se não chegares a esse depois, que ha de ser de vós?* (5, 152); *que vos ouça quando o chamares* (5, 154); a par de *se chamardes a Deos de todo o coração* (5, 155), etc. A manutenção definitiva da dental deve-se naturalmente á necessidade ou conveniencia, no tratamento ceremonioso, de diversificar a 2.<sup>a</sup> do plural da 2.<sup>a</sup> do singular.

### Alternancia vocalica

Damos este nome á mudança soffrida pela vogal thematica em certas formas rhizotonicas. Está neste caso a troca das vogaes puras fechadas *e*, *o* respectivamente nas vogaes puras abertas *ε*, *ο*.